



Bolsas Na sexta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na sexta-feira	Salário mínimo R\$ 1.412	Euro Comercial, venda na sexta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,08% São Paulo	120.767 11/6 12/6 13/6 14/6	R\$ 5,382 (+ 0,25%)	Últimos 10/junho 5,356 11/junho 5,361 12/junho 5,406 13/junho 5,368	R\$ 5,761	10,40%	10,43%	Janeiro/2024 0,42 Fevereiro/2024 0,83 Março/2024 0,16 Abril/2024 0,38 Maio/2024 0,46

CONTAS PÚBLICAS

Lula reforça apoio a Haddad e admite cortes

Na Itália, Lula sai em defesa do ministro da Fazenda, diz que ele "jamais será enfraquecido" e cogita revisão de despesas

» FERNANDA STRICKLAND

Diogo Zacarias/MF



Os ministros Fernando Haddad e Simone Tebet falam em corte amplo de gastos após o dólar disparar em meio às desconfianças do mercado

Em meio às pressões para que o governo promova um equilíbrio nas contas públicas, por meio da revisão de despesas, e não apenas com aumento de arrecadação, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) disse que discutirá a revisão de gastos do governo com o ministro da Fazenda, Fernando Haddad. O chefe da equipe econômica foi colocado na frigideira por conta da devolução da Medida Provisória que tratava das compensações das desonerações, a "MP do Fim do Mundo", pelo Congresso.

"O Haddad jamais ficará enfraquecido enquanto eu for presidente da República, porque ele é o meu ministro da Fazenda, escolhido por mim e mantido por mim. Se o Haddad tiver uma proposta, ele vai me procurar essa semana e vai discutir economia comigo", afirmou Lula, na Itália, onde participou como convidado da Cúpula do G7 — grupo das economias mais industrializadas do planeta: Estados Unidos, Alemanha, Reino Unido, França, Canadá, Itália e Japão.

O chefe do Executivo afirmou que não "vai fazer ajuste em cima dos pobres" e contestou os que cobram ajuste fiscal. "Porque os que ficam criticando déficit fiscal, os que ficam criticando os gastos do governo são os mesmos que foram para o Senado aprovar a desoneração de 17 grupos empresariais. São os mesmos que ficaram de fazer uma compensação para suprir dinheiro da desoneração e não quiseram fazer", criticou. "Falei para o Haddad, que essa questão não é mais problema do governo, o problema agora é deles", acrescentou.

Após o dólar alcançar o maior patamar em 17 meses, na quinta-feira, Haddad foi forçado a dar declarações de que está comprometido em fazer uma ampla revisão de gastos, ao lado da ministra

do Planejamento e Orçamento, Simone Tebet, que tenta emplantar essa agenda. Ambos prometeram colocar propostas de corte de gastos na mesa, algo na contramão da cartilha petista. Depois da fala dos ministros, a divisa norte-americana recuou um pouco, mas fechou a semana cotado a R\$ 5,38, para a venda, com alta de 0,25% sobre a véspera.

Após as declarações de Lula, o vice-presidente e ministro do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), Geraldo Alckmin, também afirmou, ontem, que o governo pretende cortar despesas no curto, no médio e no longo

prazos. Segundo Alckmin, as medidas devem ser divulgadas. "Não tem nenhuma definição ainda de data, mas o fato é que nós devemos procurar ter cortes no curto prazo, medidas que têm resultado mais rápido, no médio e no longo prazo", declarou o chefe do Mdic aos jornalistas, em evento da Federação das Empresas de Transporte de Cargas do Estado de São Paulo (Fetcesp).

Segundo o economista e professor do Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) Benito Salomão, o termo "corte de gastos" é uma expressão utilizada de forma coloquial

para se referir a medidas que tendem a diminuir o ritmo de crescimento das despesas, mas existem muitos gastos que o governo não consegue enxugar com uma simples canetada, porque são obrigatórios. "Tecnicamente, o gasto no Brasil é protegido, em grande medida, pela Constituição. Com isso, não tem como cortar muito gastos", explicou.

"O governo faz reformas, por exemplo, foi feita a reforma da Previdência. Mas, isso não cortou gastos previdenciários, apenas mudou a inclinação da trajetória de crescimento desse gasto, que é um dos que mais pesam no

Orçamento. Ele ressaltou que o que poderia ser enxugado seriam despesas discricionárias (não obrigatórias), mas, mesmo hoje, é difícil, "porque boa parte delas são destinadas por meio de emendas parlamentares e com caráter impositivo".

Na avaliação do acadêmico, o que o governo pretende fazer, na verdade, é discutir algum tipo de reforma para diminuir o ritmo de expansão desse gasto. "Agora, o problema de se instituir reformas que visem mudar a dinâmica de expansão do gasto público no Brasil, de forma impactante, é muito difícil

em termos orçamentários preservando a área social", afirmou. "Alguma coisa de área social vai acabar sendo afetada. Por exemplo, você tem rubricas relevantes no Orçamento, como a Previdência. Essa é uma rubrica de cunho predominantemente social, e que é muito impactada pela política de valorização real do salário mínimo que o governo retomou", ressaltou.

De acordo com o economista, diminuir a expansão do gasto público no Brasil vai esbarrar em algum tipo de política social, que é uma prioridade do governo. "Dessa forma, cria-se um problema de economia política que ninguém quer enfrentar. Pois, nenhum governo vai querer comprar a briga com setores vulneráveis da sociedade, que são eleitoralmente expressivos", acrescentou o economista.

Investimento italiano

Após encontro com o presidente Lula, na Itália, o presidente da estatal italiana de eletricidade Enel, Flavio Cattaneo, garantiu que o grupo fará um investimento de quase R\$ 20 bilhões no país.

A empresa, que assumiu da AES Eletropaulo a distribuição de energia na capital paulista, vem sofrendo críticas pela qualidade do serviço depois de uma série de apagões que atingiram a cidade. A época, o ministro das Minas e Energia, Alexandre Silveira, presente no encontro de ontem, chegou a ameaçar rever os contratos de concessão da empresa no país. Apesar dos sobressaltos, Cattaneo reafirmou ao chefe do Executivo que o Brasil é um país prioritário na estratégia de crescimento da empresa.

O presidente da Enel anunciou que a companhia ampliou em 45% o investimento no Brasil em relação ao previsto no Plano Estratégico anterior. (Colaborou Henrique Lessa)

CB DEBATE

Empreendedorismo ajuda a impulsionar o Nordeste

» HENRIQUE LESSA

O crescimento da economia nordestina, acima da média nacional, pode ser explicado pela forte geração de empregos, em grande parte, creditada ao fomento do empreendedorismo, de acordo com executivos do maior banco de desenvolvimento da região, o Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

"Uma das explicações para a gente estar observando esse número positivo (no Nordeste) na geração de empregos formais, foi o aumento de cerca de 7%, em 2023, no número de pequenas empresas. A microempresa tem a maior capacidade de gerar empregos formais de uma forma mais eficiente. Com menos reais investidos no fomento se consegue gerar mais empregos", afirma o gerente do departamento de pesquisa econômica do BNB, o Escritório Técnico de Estudos

Econômicos do Nordeste (Ete-ne), Tibério Bernardo. Em 2023, o Produto Interno Bruto (PIB) do país cresceu 2,9%, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Segundo o executivo, cada pequena empresa gera, em média, sete postos de trabalho a mais do que as grandes empresas. "A microempresa não gera mais empregos porque é ineficiente, mas porque integra o setor de comércio e serviços, onde temos a maior concentração dos pequenos negócios e é mais intensivo o uso de mão de obra", destaca.

O diretor de Negócios do BNB, Anderson Possa, destaca que o microcrédito para os empreendedores de pequeno porte cria um círculo virtuoso, formado por milhares de beneficiários de programas de transferência de renda, como o auxílio do programa Bolsa Família, que procuram empreender e com auxílio dos programas de

Divulgação BNB



Microcrédito contribuiu para Regina Araújo, ex-empregada doméstica, expandir o negócio em Fortaleza

microcrédito da instituição, conseguem progredir e posteriormente se formalizar como Micro e Pequena Empresa (MPE). "Muitos se tornam cases de sucesso, saindo do microcrédito de R\$ 100, e, depois, tornam-se empresas, até mesmo de médio porte", ressalta.

Um dos exemplos citados pelo executivo é o da empresária Regina Araújo, ex-empregada doméstica, que costurava calcinhas para vender de porta em porta e complementar a renda da família em Fortaleza. Depois de algumas operações de microcrédito,

a empreendedora conseguiu mudar o rumo da vida e, hoje, dedica-se ao negócio e se diz realizada. "Comecei com um empréstimo de R\$ 100 para comprar tecido, e logo consegui fazer R\$ 200. Depois, foram outros empréstimos, saí de três bolsas de jeans

(de produtos) para 15, e, hoje, tenho seis pontos de venda em feiras. Vendo lingerie, pijamas, babydolls, produtos que dá para ter um bom lucro. Já mandei minhas calcinhas para diversos estados do Brasil, e até para a Noruega e para o Quênia. Também faço vendas pela internet", conta a comerciante.

Esse estímulo aos pequenos empreendedores acaba retornando aos cofres públicos com a ampliação da arrecadação. Em 2023, com os negócios estimulados pela instituição, R\$ 992 milhões foi o saldo positivo de tributos, informa o presidente do BNB, Paulo Câmara. "O crédito gera impostos, movimentando a economia e, principalmente, reflete em mais empregos e mais renda", afirma.

O potencial econômico do Nordeste e as tendências para o desenvolvimento sustentável da região será tema do *CB Debate*, no próximo dia 19, organizado pelo *Correio Braziliense* com apoio do BNB, em Brasília. O evento será transmitido pelas redes sociais do jornal. Os palestrantes convidados, abordarão políticas públicas e oportunidades para a expansão regional.